

tempo e

Publicação mensal do CEDI
número 163
outubro/novembro de 1980

presença



Wayne Miller

A PALAVRA SE FEZ CARNE



*Do tronco de Jessé sairá um rebento,
e das suas raízes um renovo.
Repousará sobre ele o Espírito do Senhor,
o Espírito de sabedoria e de entendimento,
o Espírito de conselho e fortaleza,
o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor.
Deleitar-se-á no temor do Senhor;
não julgará segundo a vista dos seus olhos,
nem repreenderá segundo o ouvir de seus ouvidos;
mas julgará com justiça os pobres,
e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra;
ferirá a terra com a vara de sua boca,
e com o sopro dos seus lábios matará o perverso.*

*A justiça será o cinto dos seus lombos,
e a fidelidade o cinto dos seus rins.*

*O lobo habitará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará junto ao cabrito;
o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos,
e um pequenino os guiará.
A vaca e a urso pastarão juntas,
e as suas crias juntas se deitarão;
o leão comerá palha com o boi.
A criança de peito brincará sobre a toca da cobra,
e o já desmamado meterá a mão na cova da serpente.
Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte,
porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor,
como as águas cobrem o mar.*

*Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé
que está posta por estandarte dos povos;
a glória lhe será a morada.*

Isaías 11.1-10

Tempo e Presença
Editora Ltda.

Diretor
Domício Pereira de Matos

Coordenador
Paulo Cesar Loureiro Botas

Editor de Arte
Claudius Ceccon

Diagramação
Anita Slade

Arte-final
Alvaro A. Ramos

Equipe de Redação
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Júnior
Carlos Mesters
Beatriz Araújo Martins

Composição
Robertom
Av. Gomes Freire 176/302
Tel. 224-6096

Impressão
Clip - Rua do Senado, 200
Tel. 252-4610 - Rio

Assinatura anual: Cr\$ 600,00
Remessa em cheques
pagáveis no Rio para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082
22221 Rio de Janeiro, RJ

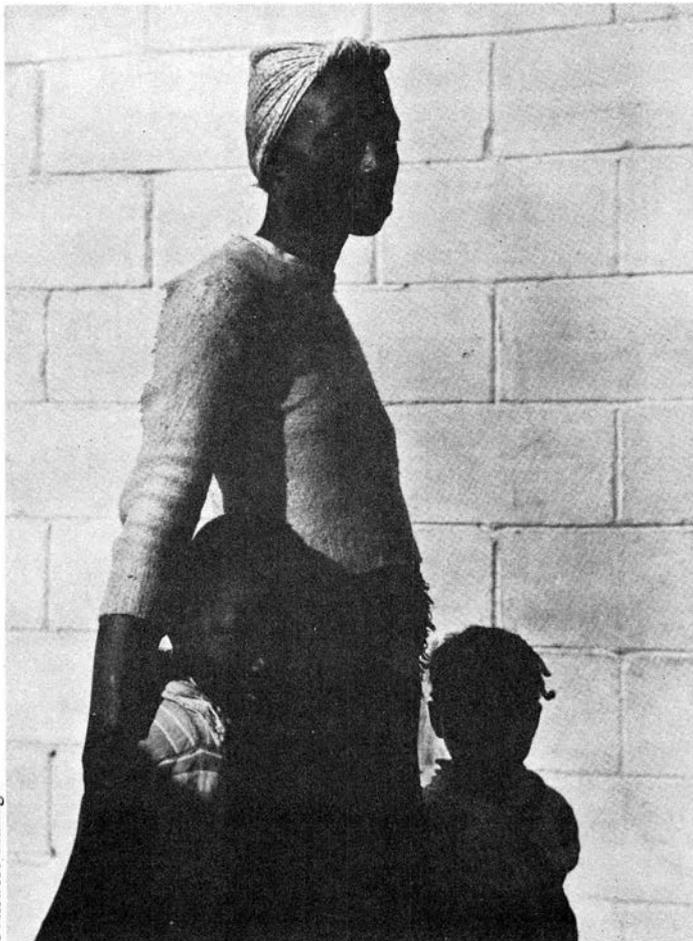
Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

CEDI
Centro Ecumênico de
Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 fundos,
Cosme Velho - Telefone 205-5197
22241 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo, SP

VI NASCER UM DEUS

Carlos Drummond de Andrade

Em novembro chegaram os signos.
O céu nebuloso não filtrava
estrelas anunciantes
nem os bronzes de São José junto ao Palácio Tiradentes
tangiam a Boa-Nova.
Eram outros os signos
e vinham na voz de iaras-propaganda
páginas inteiras de refrigerador e carro nacional
mas vinham.
O governo destinou só 210 mil dólares
à importação de artigos natalinos
avelãs figos castanhas ameixas amêndoas
sóis luas outonos cristalizados
orvalho de uísque em ramo de pinheiro
champagne extra-sec pour les connoisseurs
mas vinham
a fome sambava entre caçarolas desertas
e o amor dormia na entressafra
mas vinham
e petroleiros jatos caminhões nas BR televisores transistores corretores
descobriram subitamente
Jesus.



Consuelo Kanaga

(Quem adquire a big cesta de natal Tremendous
no ato de pagamento da primeira prestação
recebe prêmio garantido
e concorre
na última quarta-feira de cada mês
— números correspondentes aos da Loteria Federal —
a visões como um apartamento

um jipe
uma lambreta
um lunik
um anjo eletrônico

e mais:
ajuda quinhentos velhinhos
a provar alegria
pois a Obra de Senectude Evangélica
tem comissão em cada cesta vendida.)

... na manjedoura?
no presépio?
no chão, diante do pórtico arruinado, como em Siena o pintou Francesco Giorgio?
na capelinha torta de São Gonçalo do Rio Abaixo?
na big cesta de natal?

... repousa o Infante esperado.
As luzes em que o esculpíram tornam-lhe o corpo dourado.





Gitel Steed

O Cristo é sempre novo, e na fraqueza deste menino
há um silencioso motor, uma confiança e um sino.

Nasce a cada dezembro e nasce de mil jeitos.
Temos de pesquisá-lo até na gruta de nossos defeitos.



Elliott Erwitt

Ministros deputados presidentes de sindicatos
prosternam-se, estabelecendo os primeiros contatos:

Preside (mal) as assembléias de todas as sociedades
anônimas, anônimo ele próprio, nas inumerabilidades

de sua pobritude. E tenta renascer a cada hora
em que se distrai nossa polfícia, assim como uma flora

sem jardineiro apendoa, e sem húmus, no espaço
restaura o dinamismo das nuvens. Sua pureza arma um laço

à astúcia terrestre com que todos nos defendemos
da outra face do amor, a face dos extremos.

Inventou-se menino para ser ao menos contemplado,
senão querido (pois amamos a nosso modo limitado,



Leon Levinstein

e de criança temos pena, porque submersos garotos
ainda fazem boiar em nós seus barcos rotos,

e a tristeza infantil, malva seca no catecismo, nunca se esquece).

Assim o Cristo vem numa cantiga sem rumo, não na prece

*com pandeiros alegres tocando
com chapéus de palhinha amarela
companheiros alegres cantando.*

Ó lapinha,

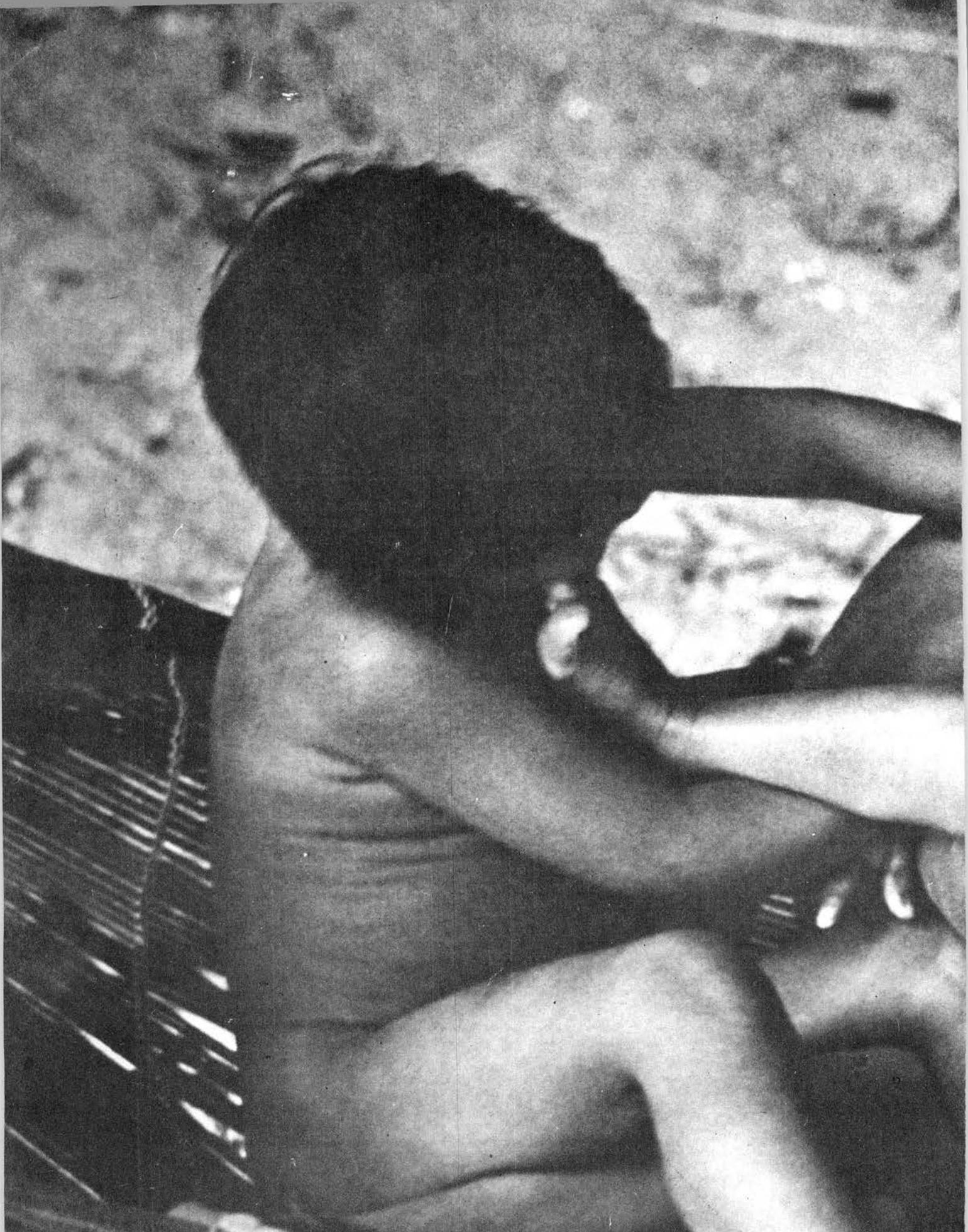
menino de barro,
deus de brinquedo,
areia branca de córrego,
musgo de penhasco,
Belém de papel,
primeira utopia,
primeira abordagem
de território místico,
primeiro tremor.



Lisa Larsen



Lennart Nilsson

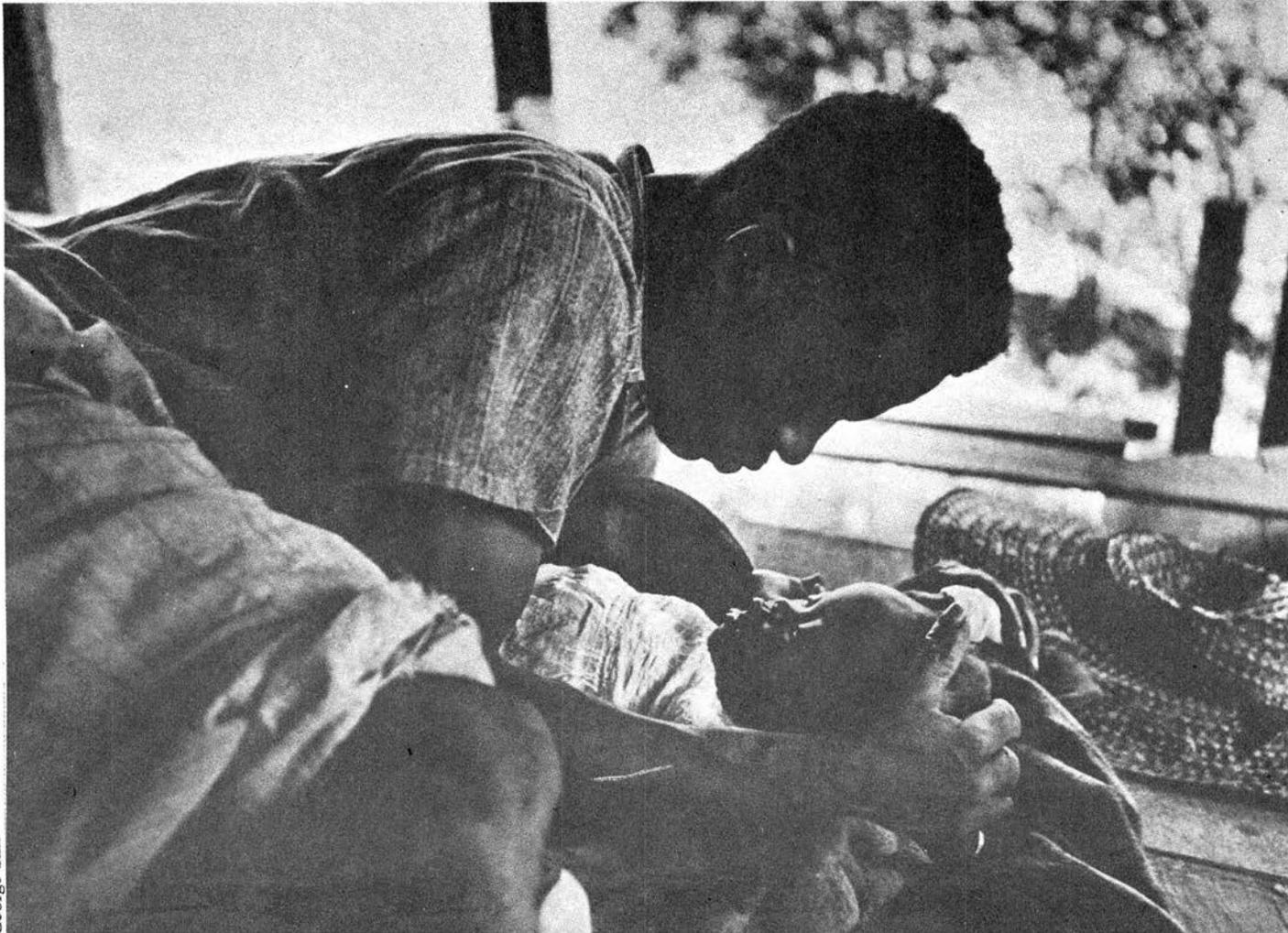




Vi nascer um deus.
Onde, pouco importa.
Como, pouco importa.

Vi nascer um deus
em plena calçada
entre camelôs;
na vitrine da *boutique*
sorria ou chorava,
não sei bem ao certo;
a luz da boate
mal lhe debuxava
o mínimo perfil.
Vi nascer um deus
entre embaixadores
entre publicanos

entre verdureiros
entre mensalistas,
no Maracanã
em Para-lá-do-mapa,
quando os gatos rondam
a espinha da noite
os mendigos espreitam
os inferninhos
e no museu acordam as telas
informais
e o homem esquece
metade da ciência atômica:





Eiju Otaki

vi nascer um deus.
O mais pobre,
o mais simples.



Nat Farbman

ENCARNAÇÃO HOJE

Seria necessário que celebrássemos o nascimento e a morte de Jesus Cristo no mesmo dia — encarnação e morte, chegada e partida, presença e ausência.

Falamos da encarnação a partir de uma ausência. Pelo menos foi assim que o próprio Jesus nos ensinou: que bebêssemos o vinho eucarístico e o pão, seu corpo, até que ele viesse — durante sua ausência. Curioso que tanto ódio teológico tenha corrido na discussão da *presença* de Jesus Cristo na eucaristia, quando ele mesmo disse: refeição da ausência.

Encarnação:

falar de uma presença, na ausência.

Discurso da saudade, do “venha o teu reino”.

Discurso da esperança das coisas que ainda não chegaram...

... espadas transformadas em arados, lanças em podadeiras, crianças brincando com feras, os pobres herdando a terra, os que choram sendo consolados, os desertos transformados em jardins...

O Reino de Deus é sobre estas coisas...

Redenção do corpo: não fome, não lágrimas, não dor, não tortura, não solidão, não prisão, não medo — ternura, carinho, carícia. O fim das cercas, que são sempre dirigidas ao corpo!

Todas estas, coisas ausentes, sobre as quais um dia falou, um dia prometeu, alguém que andou depressa por aqui, para ser logo silenciado pelos donos das espadas, das lanças, da terra, das prisões, das cercas — os administradores da dor e do medo. E a gente comemora a encarnação, como esperança da volta das coisas de que a gente tem saudade...

Rubem Alves

Surpreendente: a comunidade cristã celebra cada ano, de novo, o nascimento de Jesus.

Qual mago dos tempos modernos, pus-me a caminho para saber onde Jesus teria nascido em 1980.

Dirigi-me em primeiro lugar a Brasília, lugar em que obscuramente se tomam decisões sobre a vida de todos nós. Certo, pensei, um lugar apropriado para Jesus nascer. Pois nada melhor do que humanizar o centro de poder. Não posso dizer que tenha sido mal recebido, embora a princípio tivesse que perambular por muitas salas e ante-salas. Contudo, quando se soube o propósito de minha visita e minha afirmativa de que havia a promessa divina do nascimento de Jesus, reuniram-se conselhos e assessores. Ao cabo de muitas confabulações, me asseguraram nada saber a respeito, mas estariam muito interessados em também servir a Jesus, pelo que me incentivaram a compartilhar com eles, a boa-nova, uma vez achada.

Isso tudo me foi um tanto estranho. Resolvi continuar a busca, mas quanto ao resultado, se positivo, iria transmiti-lo ao conhecimento público, para prevenir desagradáveis surpresas. Brevemente busquei o nascimento de Jesus no centro das cidades. É verdade que nas casas comerciais, encontrei muitas reminiscências do primeiro nascimento em Belém: palavras de anjos, votos de paz e felicidade, repetitivos presépios. Mas de vida nada encontrei, salvo aquela muito vazia e traiçoeira que residia no colorido dos produtos à

venda e no rebuliço dos negócios. Jesus não podia ter nada a ver com isso.

Decidi ir ao ABC paulista. Afinal, lá Jesus tinha nascido em 1979 e, diante das evidentes dificuldades, talvez tivesse julgado oportuno repetir. Descobri que ainda continuavam bem presentes os resultados de seu nascimento no ano anterior: operariado unido e cada vez mais organizado, lutando por vida digna em justiça e solidariedade. Evidentemente, Jesus já pudera ir nascer em outro lugar.

Eis que, diferentemente da história bíblica, os poderosos descobriram antes do mago oriental o lugar do nascimento de Jesus. Latifundiários e seus prepostos na política, Executivo e Judiciário se uniram com o propósito de expulsá-lo. Sim, em 1980 Jesus nasceu em Ribeirão. Só houve um pequeno engano. (Os poderosos sempre comem um engano...). Por isso, meu recado e minha contribuição: Alô, Brasília: Jesus não nasceu com o Padre Vito. Ele é apenas um de seus incontáveis e inextinguíveis mensageiros e portavozes. Há ainda muitos Vitos por aí. Graças ao equívoco de Vossas Excelências, o Padre Vito está agora contando na Europa que Jesus nasceu, aí sim, no povo, entre os camponeses de Ribeirão. Também eles são solidários, se organizam e querem justiça, assim na terra, como no céu.

Fiquemos atentos: em 1981 Jesus vai nascer de novo!

Walter Altmann



Como pensar na Encarnação de Deus neste quase limiar do ano 2.000? Que fizemos do grande Acontecimento? da Boa Notícia de Jesus? do Aparecimento da Ternura e da Humanidade de Deus, nosso Salvador?

A distância é tão grande entre a proposta divina e as mesquinhas realizações da nossa história!

O Oriente, com suas tradições de milênios, acha-se dividido por suas diferenças religiosas e suas ganâncias de civilização material. O Ocidente, corroído pela cobiça do lucro, abafou na organização do consumo a chama religiosa de suas inspirações primigênicas.

Exceção feita para os esparsos lampejos dos santos e para as realizações comunitárias do amor ainda tão limitadas, fizemos pouco de Deus, que se entregou à humanidade. Não conseguimos viver coletivamente como filhos de um Deus que se tornou Pai. Não logramos instalar universalmente a fraternidade dos homens, ao lado de um Deus que se fez Irmão. Não alcançamos espalhar irrestritamente a vida nova de um Deus que se fez Espírito, derramando-se nos corações. Onde está a Diafania de Deus, neste mundo, que se tornou opaco pela ausência do Amor, que coincide, na prática, com o ateísmo?

A Esperança, no entanto, é também dom da Encarnação. Deus apostou na humanidade. E lhe oferece um futuro.

O horizonte à frente é luminoso. O Encontro e a Festa vão-se instalar, um dia, nos arraiais do mundo novo.

Irmãos, é permitido sonhar. Eu vejo um mundo onde todos se querem. Onde ninguém se sente sobra. Onde ninguém explora, nem se sente explorado. Onde um confia no outro, sem fingimento nem segunda intenção. Eu vejo um mundo, onde a justiça é como o ar fresco que se respira. A liberdade é como o raio perene que brilha. O amor é como a água pura que jorra sem cessar. Os arautos da Encarnação já cantaram com mais beleza, entre o povo da Velha Aliança, a indizível Paz desse Futuro.

De maneira mais prosaica, eu quero ver, no Nordeste das nossas lutas, no Brasil das nossas esperanças, o Povo tendo valor de verdade. Sendo gente. Participando de tudo. Da Economia e da Política. Da Arte e da Religião. Do Lazer e da Ação. Povo com jeito de fazer a sua história e de comandar o seu destino. Tendo comida, roupa, habitação. Tendo terra pra plantar, lugar pra trabalhar, poupança pra investir. Tendo tempo pro passeio e pra festa. Tendo coragem pra meditar e pra assumir, com sentido, sua vida e sua morte natural. Tendo luz pra acreditar na Ressurreição, depois de tudo. E na Vida eterna. Amém!

Dom Marcelo Pinto Carvalheira
Bispo Auxiliar da Paraíba

Não creio que se possa ser sinal de Jesus Cristo sem viver plenamente a realidade dolorosa do mundo de hoje. Mas não se encarna significativamente quem não percebe nos sofrimentos de hoje as "dores de parto" da sociedade fraterna que se aproxima. A fonte da esperança cristã está na certeza da libertação da humanidade. Vivenciando na História a certeza da ressurreição dos homens, testemunhada pelo apóstolo Paulo, dizemos: se este povo trabalhador, na cidade e no campo, explorado até a morte pelos capitalistas, se este povo não alcançar sua libertação sócio-econômico-política, vã é a nossa fé e a nossa esperança.

Creio que o gesto gratuito de Deus fazer-se pobre e oprimido tem muito a revelar sobre o sentido da nossa vida e da história dos homens. No mínimo, significa que a História tem um futuro plenamente humano: os homens alcançarão a fraternidade. Mais ainda, significa que a chave deste futuro está com os oprimidos do mundo, nas suas mãos as condições para construir a nova sociedade da justiça e do amor.

A maneira de encarnar-se em nossa realidade brasileira é procurar, junto com os oprimidos, os caminhos que viabilizem o crescimento da união e do poder popular para derrotar o capitalismo. Evitar, por todos os modos, a divisão no seio das classes oprimidas, combatendo a estratégia dos que dominam. Aumentar a capacidade de luta e a compreensão das causas da situação, valorizando e promovendo oportunidades de ações coletivas e de encontros de reflexão. Aprofundar, a partir da praxis, a visão política dos trabalhadores, criando condições de decisão e ação mais eficaz com vistas à transformação da realidade.

Ivo Poletto

A encarnação hoje, como sempre, é uma dimensão essencial da missão de Jesus, porém com características próprias do nosso tempo, primeiro, de valorização da identidade étnica, segundo, de uma política de libertação.

Um amigo missionário dizia-me, há pouco tempo, com absoluta segurança e serenidade: “Antes de tomar o trilho que me leva à aldeia dos índios, onde moro, eu deixo no rancho do porto do igarapé todos os meus objetos de uso de civilizado. Levo comigo apenas a dentadura e os óculos”. E me confienciava um pormenor: “Quando eu vivia no convento, achava sempre um pretexto para não ir ao ofício religioso. Agora, as celebrações dos índios, de que participo integralmente, duram cerca de oito horas por dia. Às vezes chegam a dezesseis horas.” Devo acrescentar que, sem o missionário lá, estes índios já não existiriam mais. Um pretenso dono daquelas terras mandou um dia arrasar as malocas deles com trator de esteira. Depois perdeu na Justiça.

Hoje, mais do que ontem, torna-se claro para a Igreja que o Reino querido pelo Pai não acontece sem encarnação na identidade do povo e sem busca de superação do pecado de opressão. A Semente da Boa-nova tem absoluta ne-

cessidade da terra. Ao virar planta ela torna-se o maravilhoso reflexo do chão onde caiu e germinou. Daí por diante vai sempre carregar consigo a aventura de grandeza e de miséria do barro-povo ao qual se misturou.

A caminhada de Jesus, assumindo a condição de servo num obscuro povo oriental, não teve, de forma alguma, o sentido de um diletante enriquecimento pessoal numa cultura exótica. Não visou, tampouco, melhorar as condições de vida daquela pobre gente, com receitas trazidas de algum Império mais adiantado. “Foi obediente até à morte e morte de cruz”. Morte de que o povo estava morrendo pelas mãos de Caím. Eis porque o Senhor se empenhou em tornar-se em tudo semelhante aos homens do povo, sem dispensar, porém, o inconformismo, a cólera, a mística de luta. Luta não para inverter os papéis de oprimidos no lugar dos opressores, mas para fazer nascer o “Homem novo” num “Mundo novo”.

Eis aí a encarnação hoje. Ela não pode mais enjeitar de assumir o rosto diferente do irmão. Não pode mais hesitar diante do responsável pela lepra deste rosto.

Dom Tomás Balduino, O.P.
Bispo de Goiás



Quem ME vê, vê o PAI.

O coração do Pai se revela em Jesus que irrompe em nossa história humana. Jesus nasce de um casal pobre, vive a experiência dos pobres, acredita neles, anuncia-lhes as Bem-aventuranças e a Libertação, compromete-se com eles ficando aberto para todos que queiram ser filhos pródigos, paga um preço alto por sua opção.

Em Jesus, nascido hoje, eu compreendo que o coração do Pai tem um lugar preferencial para os pobres, em Sua Ternura.

A Igreja de Jesus Cristo, na diversidade de seus ROSTOS, trai Jesus e trai o Pai, se não optar preferencialmente pelos pobres.

Uma Igreja-Poder, coexistindo pacificamente com o Poder, não é mais a Igreja fiel de Jesus Cristo. Ou se converte ou morre!

Este Natal de 80 nos interpela no mais fundo de nossa Fé.

D. Fragoso
Bispo de Crateús

Ilustrações de Azaria Mbatha
África do Sul



O Verbo se fez carne (Jo. 1,4)

Fez-se carne desafiadoramente. “Carne semelhante à do pecado” (Rm 8.3). Verbo = Vida. Verbo = Carne. Jesus Cristo = Verbo encarnado. Nós = Vida encarnada.

Fazendo-se carne, o Verbo se fez um de nós. Sem abstrações. Como nós nos fazemos, o Verbo se fez. Processualmente. Ao longo dos seus anos. Em gestação inconclusa no útero do tempo, no ventre da História. Até que, pela Ressurreição, “foi estabelecido Filho de Deus” (Rm 1.4).

A carne que somos, que o Verbo se fez, não pode pertencer ao mundo do objeto. Não se pode incluir no mundo da posse. Não se conjuga com o verbo “ter” mas com o verbo “ser”.

É presença, é presente, é dom. Entregando-se à carne, o Verbo se entregou em totalidade. Aos que tentaram apropriá-lo da carne respondeu com a Ressurreição. A equação entre carne e morte foi vencida. Carne-Vida. “Creio na ressurreição da carne. Amém”.

Carne-Vida, fonte de vida no dom. “Serão uma só carne” (Gn 2.24; Mt 19.5,6). Dois se fazem um, fecundando novas encarnações. Antecipando ressurreição. Não dentre mortos mas

dentre vivos. No ventre da esposa, o esposo suscita nova carne e os dois ressuscitam em vida nova. No amor é que se vive com mais intensidade e realismo a experiência da carne, a experiência do outro, a experiência dos outros. Da carne que se é e não da carne que se tem. Embora aqui também, o mundo proprietário ameaça o dom com a posse.

Carne sou, ouvindo, falando, tocando, sentindo, amando, querendo, pensando, vivendo, morrendo. Ressuscitando, serei carne.

Carne que se forma, que nasce, que cresce e sorri, que fala, que cala, que anda, que pára, que beija, que abraça, que vibra, que chora, que luta e trabalha, que ama, que odeia, que se aceita ou rejeita, que se constrói ou destrói...

Carne somos em processo de encarnação. Processo aberto para nós e para os outros. Assumir-se é condição de assumir. Identificar-se é condição de reconhecer. Ter consciência de ser carne é condição de se sentir humanidade, de ser solidário, de comprometer-se com o destino dos homens.

Eliseu Lopes com Vera, pensando nela e no João e na Isabel e no outro que se encarna.

“Não tenhais medo! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo povo” (Lc 2.10).

Os pastores, na vigília da noite, receberam do Anjo do Senhor um anúncio. Os pastores se encheram de esperança, e às pressas deixaram a sua labuta à procura “do Salvador, Cristo-Senhor, o recém-nascido envolto em faixas e deitado numa mangedoura”.

A grande alegria anunciada aos pastores é para todo povo. Todo povo se alegrará. A esperança estará em todo povo. E aquele recém-nascido será o Salvador, Cristo-Senhor!

“Não tenham medo!”

Sim. Não temam o anúncio dos anjos. A notícia de grande alegria.

Sim. Não temam o Salvador. Ele será para todo povo.

“Alegram-se!”

Por que este recém-nascido é o “verbo que se fez carne e vem habitar entre nós”. Habitar entre todo povo. Habitar entre os recém-nascidos. Deus é criança!

Esta é a minha esperança. A esperança de todo povo. Ver nascer o Salvador, o Cristo-Senhor em cada criança que para viver luta contra a subnutrição, o abandono, o submundo, exploração dos adultos.

Ver nascer o Salvador menino que dorme nos cantos da rua, come os restos da lata de lixo, que conhece a linguagem do ódio, da repulsa, do abandono. O Cristo-Senhor que perambula pelas praças denunciando com a sua presença o pecado do mundo.

“Não tenhais medo. Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição” (Lc 2.10,34).

**Rosângela Oliveira
Parafba do Sul**

Zwinglio M. Dias
Secretário geral do CEDI

E o Verbo se fez carne e

*Porque um menino nos nasceu
Um filho se nos deu;
o governo está sobre seus ombros;
e o seu nome será:
Maravilhoso, Deus forte
Conselheiro
Pai da eternidade
Príncipe da paz...*

Isaías 9.6

*Eis que este menino está destinado
tanto para a ruína como para
o levantamento de muitos em Israel,
e para ser alvo de contradição...*

Lucas 2.34

*Em verdade vos digo:
Quem não receber o Reino de Deus
como uma criança,
de maneira nenhuma entrará nele.*

Jesus

*Peço licença para algumas coisas,
Primeiramente para desfraldar este canto
canto de amor, publicamente.*

*Na roda do mundo
lá vai o menino,
rodando e cantando
seu canto de infância.*

*Cantigas que tornem
a vida mais doce
e mais brando o peso
das sombras que o tempo
derrama, derrama
na frente dos homens.*

*Na roda do mundo,
mãos dadas aos homens
lá vai o menino
rodando e cantando
cantigas que façam
o mundo mais manso,
cantigas que façam
a vida mais doce,
cantigas que façam
os homens mais crianças.*

Thiago de Mello



habitou entre nós...

O nascimento de Jesus, ainda que envolto em muitos acontecimentos maravilhosos, conforme a narração dos apóstolos nos seus Evangelhos (Lc 2 por exemplo), não foi nada mais do que a chegada de mais uma criança pobre neste mundo de Deus e dos homens. Uma criança que enfrentou os mesmos problemas das crianças carentes de nosso tempo. Que foi registrada e censada aumentando assim com sua presença o contingente de futura mão-de-obra desqualificada de judeus pobres e disponíveis nas estatísticas do que poderia ser então o Ministério do Trabalho do Império Romano.

Filho de uma família pobre e piedosa (à semelhança da grande maioria dos brasileiros), Jesus nasceu aprendendo a língua e os costumes de seu povo, familiarizando-se desde tenra idade com sua desgraça. Conheceu a injustiça de que o povo era vítima ao nascer num estábulo, isto é, ao nascer sem as mínimas condições de higiene e segurança, como acontece ainda hoje com milhões de crianças no dito terceiro mundo. Percebeu as dimensões do poder opressor que subjugava seu povo e juntou-se, assim que pôde, àqueles que por diferentes caminhos tratavam de resistir ao esforço articulado e sistemático do imperialismo romano para destruir a identidade do povo judeu: sua vida econômica, sua estrutura política e sua religião.

Foi assim num contexto de opressão e sofrimento para um povo pobre e humilhado que Deus se deu a conhecer aos

homens. Ao conhecer, através dos Evangelhos, esta forma insólita de seu aparecimento aos olhos da humanidade somos mais uma vez assegurados de que a Sua promessa não se cumpre apenas nos corações humanos, passivamente, mas que ela se realiza através de atos concretos no meio da conflitividade da história dos homens. E são estes atos que marcam objetivamente a sua revelação.

Nasceu uma criança! Pais, parentes e amigos se alegram. O que é comum e corriqueiro no instante da reprodução da espécie humana, se reveste de sentido especial para aqueles que são os atores diretos nesta cena que é sempre a mesma em todos os lugares, mas que é sempre diferente e singular para os que a estão vivendo. É o mistério da vida que se renova prolongando-se nas novas gerações. É o mistério do amor e da ternura que um dia envolveram e prenderam os pais num ato de entrega mútua. Mas é um fato curioso e absurdo em se tratando de uma revelação, ou melhor, da revelação de Deus. Os homens não entenderam. “Veio para o que era seu e os seus não o receberam”, escreveu o apóstolo João. E até hoje muitos ainda não entenderam e se recusam a aceitar este acontecimento singular na história da humanidade como tendo um significado especial para os homens.

E isto porque lhes parece contraditório e ridículo que, partindo de Deus, se revele à humanidade desta forma: através de um fato comum e natural da vida humana — o nascimento



P. Solomon Raj
Índia

de uma criança. E, ainda, porque sendo Deus, sendo o Senhor e Criador do universo como poderia se atrever a manifestar-se aos homens desta forma ridícula e impotente? Por meio das limitações e fragilidade de uma criança?

É justamente aqui que nos deparamos com a novidade expressa pela fé cristã no meio da história humana. Um Deus que se faz criança desnorteando os homens com sua humildade, com sua fragilidade e desamparo para, através desses atributos inconcebíveis num Ser todo-poderoso revelar a verdadeira dimensão do Amor e o real propósito da Vida. Neste acontecimento Deus desmascara a estupidez do poder humano que só conduz à morte e nunca à vida. Porque o poder humano em todas as suas formas e manifestações (econômico, político, social, familiar, religioso etc.) não tende senão para a autoglorificação dos que o exercem. É um poder que elimina a possibilidade do amor, da fraternidade, pois que exige submissão geralmente de muitos a uns poucos e faz com isto dos poderosos (dos que dispõem de poder) deuses para os que são submetidos. E esta é a idolatria que a fé cristã combate. É a idolatria que está na base de todos os problemas humanos.

A verdadeira fonte da vida, no entanto, manifesta-se aos homens na fraqueza e não na força, na pobreza e não na riqueza e na pompa, na fragilidade e ingenuidade de uma criança e não no poder e astúcia de um conquistador. E a criança, que mais tarde apresentará ao mundo uma nova

proposta de vida, nasce numa estrebaria, filho de um pobre artesão e não num palácio tendo por pai um rei.

Apesar de continuamente instrumentalizada pelas ideologias do poder que vigem em nossas sociedades, atravessando a história, a Bíblia continua a nos falar de um Deus diferente daquele que imaginamos a partir das formas de pensamento orientadas para o poder que nos domina. Fala-nos de um Deus diferente pois nos conduz para a impotência de Deus, para um Deus que se enquadra nos limites do humano, que sofre, que permite ser expulso do mundo até à cruz. Deus criança! Fraco, pobre, louco, desprezível porque sem força! Um Deus que não deseja dominar, que não quer impor-se. Mas que convida, que pede, que clama, que não tem nada a perder. Como os pobres. Como as crianças...

A Igreja do Estado

(Continuação da pág. 20)

disse: Vai, filho, recupera a tua firma porque dela depende o nosso reino. E alguns pobres (fariseus), ouvindo isto, também pediram um cheque a Cifrão para saciar a fome e a sede. E Cifrão percebeu que estavam endemoninhados e gritou: “*Vade retro, Satanaz*”. “Os pobres estão com Belzebu”, diz um trecho do Evangelho do Estado. Enquanto Cristo dirigiu a sua pregação para os pobres, Cifrão só fala aos ricos. Em seus sermões, costuma pedir aos pobres óbulos para os ricos, pois, diz o evangelho, “quem dá aos ricos empresta à pátria”.

Cristo expulsou os vendilhões do templo. Já Cifrão fez um acordo com os vendilhões: 10% de comissão sobre tudo o que for vendido dentro do templo. Os vendilhões venderam até o templo.

Parábola do feijão

E Cifrão vendo a sua volta uma multidão com fome de feijão, chamou seu discípulo da agricultura e disse: “Dai-lhe vós de comer”. E o discípulo disse: “Só tenho cinco grãos de feijão”. E Cifrão disse: “Trazei-mos aqui”. E mandou a multidão sentar na grama, tomou os cinco grãos de feijão, olhou para os bolsos, pegou uma calculadora automática e multiplicou o feijão. E a multidão avançou para Cifrão. E Cifrão disse: “Quem quiser é Cr\$ 150 o quilo”. E a multidão parou. E quatro ou cinco avançaram. E pagaram o preço pedido. E Cifrão disse:

— Bem-aventurados os que têm dinheiro e não precisam enfrentar uma fila de endemoninhados.

A penúltima ceia

E no primeiro dia de festas os discípulos chegaram junto a Cifrão e perguntaram: “O que queres comer, Cifrão?” E Cifrão disse que gostaria de um *Parfait de Fois Gras*, *Soupe aux Truffles* e *Piece de Boeuf Marchand de Vin à la Moelle*. E pediu aos discípulos para organizarem vários festi-



vais gastronômicos sob a orientação de Paul Bocuse. E chegada a noite, Cifrão sentou-se com os 12 no melhor restaurante da cidade. E ainda abrindo o apetite com *kir aux framboises*, disse: “Eu sei que um de vós há de me trair”. E os discípulos perguntaram espantados como Cifrão sabia. E Cifrão disse: “Vocês esqueceram que o SNI trabalha para mim?” E depois de todos comerem numa noite mais do que todos os fariseus do Piauí comem num mês, saíram cantando o hino nacional em direção à casa do Oliveira.

O mulato Juba Escoriado, o Mudo, não estava de acordo, porém, com a distribuição de milagres de Cifrão. E sem saber que Cifrão era o Governo, e o Governo era Cifrão, e Cifrão e Governo eram uma só pessoa, foi ter ao Governo para fazer queixa de Cifrão. Juba Escoriado foi pedir pelos pobres. O Governo então deu-lhe 30 moedas de pratas para ficar calado. Juba recusou. Disse que queria 50 moedas para ficar calado. O Governo não acreditou numa só palavra de Juba Escoriado. Disse-lhe que Cifrão havia feito uma op-

ção preferencial pelos ricos, mas isso não significava que não olhasse de vez em quando para os pobres. Nem olha, disse Juba. E se propôs a prová-lo. Se Cifrão não olhar para os pobres vou beijá-lo na face. E naquela tarde, diante de todos, beijou a face de Cifrão. E Juba gritou para os soldados: “Podem prendê-lo”. E os soldados se aproximaram. E prenderam Juba. E o acusaram de traição! E o crucificaram.

Quanto a Cifrão, diferente de Cristo que morreu na cruz aos 33 anos, continuou suas pregações por séculos, *seculorum*. Amém.

A Igreja do Estado

Carlos Eduardo Novaes

(Reproduzido do Jornal do Brasil)

Há um impasse incontornável na crise entre o Estado e a Igreja: a Igreja fez a sua opção preferencial pelos pobres; o Estado, pelos ricos. Só vejo uma saída para o Estado: fundar a sua própria igreja (igrejinhas já tem muitas). Uma igreja identificada com o sistema. Voltada para as aflições dos ricos e poderosos. Os ricos vivem atormentados por um número muito maior de problemas do que os pobres. Estão aí as salas dos psicanalistas que não me deixam mentir. Nunca vi um pobre fazendo análise. Em boa hora, a Psicanálise também fez sua opção preferencial pelos ricos. Dinheiro, já diz o ditado, não traz felicidade. Daí a necessidade de se apoiar, de se amparar, de se emprestar (a juros baixos é claro) calor humano aos ricos. O pobre não precisa de ajuda. Nunca ninguém ouviu falar que pobreza não traz felicidade.

Por que essa opção preferencial da Igreja Católica? Sempre se soube que Deus é brasileiro. Apenas brasileiro. Nem rico, nem pobre. Classe média talvez. E se Deus é brasileiro, urge que se crie uma igreja brasileira para que não se repita o que ocorreu nos tempos de Cristo. O historiador Tácito, naqueles dias, refere-se a uma mulher romana, Pompônia Grecina, "acusada de aderir a uma superstição importada" (o Cristianismo). Parece que já existe um movimento nesse sentido nos gabinetes do Palácio do Planalto. Até abril do próximo ano, o Ministro da Justiça deve vir a público lançar a Nova Igreja Estatal. Quase todos os pontos já estão acertados: o salvador da pátria chamar-se-á J. Cifrão. Quanto ao seu pai, o Estado, para se manter coerente, está certo que não poderá ser um carpinteiro como José. Talvez um banqueiro, um armador ou um dono de supermercado.

Cristo nasceu num estábulo em Belém. Cifrão também poderá nascer em Belém. Ou em Manaus, Florianópolis, Brasília, ou no gabinete do Governador de São Paulo (esse detalhe ainda não foi acertado). Jamais, porém, dentro de um estábulo. Bem, a não ser que seja um estábulo com vidro fumé e esquadrias de alumínio.

Este trecho do Novíssimo Evangelho do Estado já está pronto. O Estado convidou quatro colonistas sociais para serem seus evangelistas.

1. E aconteceu que naqueles dias saiu um decreto para que todo brasileiro respondesse ao censo.

2. E o caixa — altíssima Éden Paraíso — viajou no seu Mercedes de luxo, último tipo, com motorista, levando sua mulher Eva, *née* Braum, que estava grávida.

3. E aconteceu que, Éden e Eva estando ali, hospedados na suíte presidencial do melhor hotel, Eva deu à luz.

4. E deu à luz seu filho primogênito e envolveu-o em sedas e deitou-o num colchão ortopédico importado da Alemanha especialmente para a ocasião.

5. E havia, naquele mesmo hotel, ministros e autoridades que durante as vigílias da noite passavam bebendo e jogando para depois esticarem no Hipopotamus.

6. E eis que um ajudante de ordens veio sobre eles e eles se assustaram e sentiram um grande temor e disseram que não tinham feito nada.

7. E o ajudante de ordens disse: não temais, pois vos trago novas de grande alegria que farão dos ricos mais ricos e dos pobres mais pobres.

8. E os ministros e autoridades sorriam e o ajudante de ordens anunciou que aqui neste hotel nasceu hoje J. Cifrão que é o salvador da pátria e o protetor dos ricos e poderosos.

E tendo Cifrão nascido, eis que vai receber muitas visitas. No lugar dos três Reis Magos terá a adorá-lo três ministros militares. A estrela guia não será do Oriente. Por questões de segurança nacional, é melhor que seja do Ocidente. Cifrão, ao crescer não andarás descalço, nem maltrapilho, nem barbado. Fará a barba todos os dias e

vestirá fraque e cartola, ainda que no verão. Cifrão também será batizado por um João Batista. Para evitar, contudo, tumultos e aglomerações, o batismo não será como o de Cristo, à beira de um rio. Talvez na Piscina do Copa.

Cristo, de uma família modesta, escolheu homens do povo, pescadores, para segui-lo como discípulos. Cifrão, filho de uma das maiores fortunas do país, não vai andar com qualquer um. Selecionou para profetas três presidentes de multinacionais, dois usineiros do Nordeste, um empresário de Sergipe, dois fazendeiros gaúchos, dois industriais paulistas, o presidente da Petrobrás e — para dar a impressão de abertura — um operário pobre, o mulato Juba Escoriado, o Mudo. Ficou decidido que na Nova Igreja Estatal não haverá sermão na montanha. No Rio, em quase todas as montanhas há uma favela. J. Cifrão não tem nada para dizer aos favelados. Por ordem do Estado, o sermão será transferido para a Associação Comercial.

1. Bem-aventurados os ricos de espírito e de matéria porque deles é o nosso reino.

2. Bem-aventurados os que dizem: juro... e correção monetária.

3. Bem-aventurados os filhos dos latifundiários porque eles herdarão a terra.

E Cifrão fará suas pregações percorrendo o país em carro aberto acompanhado de quatro batedores e 18 agentes de segurança. Fará profecias, discursos e milagres. Dará de comer aos que não têm fome e cuidará dos que estão sãos e fortes.

A parábola dos zeros

E naquele dia trouxeram a Cifrão o dono de uma financeira que acabara de falir. E Cifrão botou a mão sobre a sua cabeça e assinou um cheque com muitos zeros e

(Continua na pág. 19)